

Os lugares de circulação dos livros em Campina Grande – Paraíba: livrarias, gabinetes e bibliotecas (1913-1953)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio¹

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Introdução

Os suportes impressos, a exemplo de livros e periódicos, tiveram nas livrarias, gabinetes e bibliotecas ao longo dos séculos XIX e XX, um dos principais lugares de circulação de leitura no Brasil. Em Campina Grande, cidade localizada no estado da Paraíba, esta realidade não foi diferente, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Desta forma, o propósito do nosso trabalho é mapear as experiências das livrarias, gabinetes e bibliotecas que funcionaram no circuito de leitores em Campina Grande, Paraíba, entre os anos de 1913 e 1953, traçando as suas especificidades relacionadas à difusão da leitura.

Na primeira década do século XX alguns destes espaços de sociabilidades intelectuais se destacaram na cidade de Campina Grande. Entre as livrarias, podemos citar a *Campinense* (fundada em 1916), a *Livraria Moderna*, a *Casa Brazil*, a *Livraria Vilar* (ambas fundadas ao longo da década de 1930), a *Livraria Pedrosa* (criada em 1946) e a *Livraria do Povo* (fundada também em 1946). Já em relação às bibliotecas podemos aludir a *Biblioteca Antenor Navarro*, ligada à *Sociedade Beneficente dos Artistas* (criada em 1929) e a *Biblioteca Municipal de Campina Grande* (fundada em 1937). No que se refere aos gabinetes tivemos apenas a experiência do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* (fundada em 1913).

A partir de fontes impressas (como jornais, revistas, anuários, almanaques), além de crônicas e poemas, produzimos um entrecruzamento das mesmas, utilizando-se dos conceitos de cultura impressa, rede de sociabilidade e circuito literário, refletindo desta forma, as maneiras e as estratégias de difusão do livro e da leitura em Campina Grande ao longo da primeira década do século XX.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduado em História e Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Livrarias: da impressão ao comércio

As livrarias brasileiras até a primeira metade do século XX não exerciam as funções específicas na comercialização de livros, prestando serviços de papelaria e tipografia, além de algumas venderem variados produtos de uso doméstico (a semelhança de empórios), como velas, chocolates, porcelanas, chás, objetos litúrgicos, de fotografia, entre outros. (MACHADO, 2008: 19)

No caso específico de Campina Grande tal realidade era semelhante, contudo não encontramos registros de livrarias especializadas na venda de artigos de uso domésticos, mas sim no comércio de livros e de serviços ligados à papelaria e à tipografia. Entre as livrarias que atuaram na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, no processo de venda e produção de artefatos impressos destacaremos nesta secção: *a Livraria Moderna, a Livraria Campinense, a Livraria Vilar, a Livraria Pedrosa e a Casa Brazil*. Todas elas, acreditamos, centralizaram o processo de comercialização e em alguns casos também o de produção de artefatos impressos, para o uso no comércio e divulgação de produções intelectuais, como livros, folhetos e jornais.

Nenhuma destas livrarias citadas dedicou-se exclusivamente ao comércio de livros, atuando no ramo de papelaria, sobretudo na venda de todo tipo de material concernente a cultura escrita, desde lápis, papel, canetas, tinteiros, carimbos, revistas, jornais, brinquedos, material escolar e fotográfico. Os livros disputavam assim espaço nas estantes com outros objetos, além de serem comercializados no interior das próprias casas tipográficas.

Não sabemos quais foram às primeiras livrarias atuantes na cidade de Campina Grande no século XIX, ou mesmo antes, visto que não encontramos referência alguma em nossas fontes sobre os lugares de comércio do livro neste período. Realidade compreensível, visto que durante o período oitocentista Campina Grande não possuía traços econômicos e culturais, que viabilizassem um empreendimento como uma

livraria. Os poucos letrados residentes na cidade, provavelmente mantinham contatos com livros através de compras em outros centros comerciais, a exemplo do Recife.

O século XIX é visto de maneira majoritária pela historiografia nacional como o momento em que a cultura impressa consolidou-se no Brasil. Por outro lado, os indícios que temos nos levam a pensar que experiência de consolidação ocorresse em Campina Grande a partir da terceira década do século XX, época da proliferação dos gabinetes tipográficos, do aumento do comércio de livros, da fundação de bibliotecas públicas e particulares, de sociedades e academias de letras, de institutos, colégios, entre outras instituições relacionadas à cultura letrada. (MATOS, 2008: 19)

Na transição do século XIX para o século XX, os livros eram poucos difundidos nas cidades do interior do Brasil. Sua circulação se dava nos grandes centros, principalmente nas capitais dos estados federativos, cujos cursos universitários faziam parte da realidade do ambiente, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife.

Enquanto objeto de convívio e consumo “de poucos” na sociedade, os “(...) livros representavam importante bem simbólico a ocupar lugar privilegiado no interior das residências, nas estantes, nos gabinetes de trabalho, muitas vezes protegidos à chave nos armários de portinholas envidraçadas” (MATOS, 2008: 19). Em escritórios, gabinetes e bibliotecas, os letrados nestes pequenos redutos travavam uma relação íntima com estes objetos, viabilizando aquisições principalmente através de encomendas ou quando viajavam para os grandes centros. No caso de Campina Grande, o Recife era o pouso principal destes intelectuais, ansiosos por terem contato com os lançamentos exaltados nos jornais.

A primeira livraria atuante que temos notícia em Campina Grande foi a *Livraria Campinense*. Sua fundação, não se sabe ao certo, mas Epaminondas Câmara indica o ano de 1913, pertencente ao comerciante Getúlio Amaral (CÂMARA, 1998: 85). Em 1915, chegou a pertencer a Lino Fernandes de Azevedo (o mesmo idealizador do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*). Por outro lado, um ano depois, os comerciantes Tertuliano de Barros e José Ramos, tornaram-se sócios e adquiriram o empreendimento. Localizado na Praça Epitácio Pessoa, 34, centro de Campina Grande, suas ações se

davam na venda e na confecção de livros e outros materiais impressos, além de atividades de papelaria, principalmente no comércio de materiais de escritório.

De acordo com reportagem publicada no *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*, organizado por José Barros do Amaral em 1925, é possível encontrarmos alguns rastros da importância da livraria no município nas primeiras décadas do século XX, bem como a função estratégica de um dos seus proprietários, o comerciante José Barros Ramos:

Em Campina Grande, um dos bons elementos do seu progresso, é insofismavelmente a “Livraria”. Parecerá original esta afirmativa... mas, para os que conhecem o grande benefício valor da instrução e sabem que em Campina Grande a “Livraria Campinense” tem introduzido algumas toneladas de livros, nos dez anos de sua existência...para esses não há nenhuma dúvida que ela tem sido, de fato, um elemento propulsor do desenvolvimento de nossa terra. (AMARAL, 1925: S/P.)

O autor do texto intitula ainda José Barros Ramos, sócio gerente da livraria, como “o Garnier de Campina Grande”², deixando bem claro que “O meio intelectual de Campina Grande sabe a dedicada solicitude de José Ramos em importar para sua livraria as últimas e melhores novidades literárias produzidas no país” (IDEM). E ainda declara a matéria que estas novidades trazem “Obras dos grandes escritores antigos: livros ultimamente editados, produção dos jovens escritores, tudo que existe nas boas livrarias do Norte e do Sul (...)” (IBIDEM).

O fato de chamar de José Barros Ramos como “Garnier de Campina Grande”, destaca a importância da “secção tipográfica da livraria”, onde eram executados “trabalhos perfeitos e, ultimamente, foi confeccionado um belo livro – Horas de Enlevo, poesias do estro científico de Mauro Luna” (IBIDEM). Chama atenção o fato do estabelecimento, às vezes, ser identificado com o selo da *Tipografia Campinense ou da Livraria Campinense*, e outras vezes, com o nome de *Barros & Ramos Editores*, caso da publicação do livro de versos de Mauro Luna. A extinção da *Livraria Campinense* teria se dado no ano de 1933; por outro lado, ainda encontramos algumas notas publicadas em jornais ao longo da década de 1930 e livros e plaquetes publicados na década de 1940.

² Referência ao livreiro e editor francês *Baptiste Louis Garnier*, fundador da Livraria e da Editora mais importante do Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Entre os anos de 1920 e 1930 se estabeleceram em Campina Grande outras três importantes livrarias, aliás, duas livrarias, a *Moderna e a Vilar*, e a *Casa Brazil*, que se especializou enquanto distribuidora de periódicos (notadamente revistas ilustradas cariocas). Ambas, acreditamos, constituíram-se, juntamente com a *Livraria Campinense*, as expoentes quanto à circulação de materiais impressos na cidade nas primeiras três décadas do século XX.

As informações caminham para que a inauguração da *Livraria Moderna* tenha ocorrido provavelmente na segunda metade da década de 1920, tendo como empreendedor o Sr. José Faustino Cavalcanti, mas conhecido como Yoyô Cavalcante, comerciante, contador e assíduo personagem nos antigos carnavais campinenses. Localizado na Rua Monsenhor Sales, número 29, centro de Campina Grande, a *Livraria Moderna*, se destacou nos serviços de venda de livros, de papelaria e de tipografia. Durante a nossa pesquisa, podemos visualizar algumas de suas estratégias de propaganda presentes em periódicos, bem como conhecer alguns dos títulos que se destacavam pelo mercado na época, como a nota presente no primeiro número do jornal *Evolução*, de Junho de 1934:

A venda na Livraria Moderna:
Napoleão por Emilio Ludwig
Joseph Fouché por Stefan Zweig
Religião e Pscinalise por Theodor Reik.
(EVOLUÇÃO, 1934: 2)

Com o slogan de “A mais bem organizada livraria da cidade”, não sabemos quando a *Livraria Moderna* deixou de funcionar, mas encontramos publicidades do estabelecimento até o ano de 1953, limite de nossa delimitação temporal de pesquisa.

Ainda nos anos 1930 o fotógrafo e poeta Euclides Vilar funda em Campina Grande a *Livraria Vilar*. O estabelecimento acaba sendo reconhecido não apenas pela venda de livros, mas principalmente de artefatos fotográficos e outros materiais, como cordéis e revistas. Seu proprietário foi um leitor e colecionador voraz de impressos e um dos principais fotógrafos de Campina Grande.

Editor do *Almanaque de Campina Grande*, publicado em sua primeira versão no ano de 1933, pela Tipografia da Livraria Campinense, Euclides Vilar, vivenciou as precárias condições de seu empreendimento intelectual, unindo-se ao amigo comerciante Lebarre, para criar a *Livraria Vilar*, localizada na Rua Cardoso Vieira,

número 19, centro de Campina Grande. Foi na Tipografia Vilar que Euclides editou o segundo número do almanaque para o ano de 1934. A iniciativa tipográfica não logrou êxito como imaginaram seus empreendedores. Poucos anos depois as ações no campo impresso quase levariam à falência o poeta e fotógrafo Vilar, que voltou a focalizar apenas suas atividades na área da fotografia. (PIMENTEL, 1958: 257/258; AZEVEDO, 1955: 3)

Dos lugares de circulação dos objetos impressos (livros, jornais, revistas, etc.), chama atenção às várias alusões na imprensa de Campina Grande ao estabelecimento comercial *Casa Brazil*, principalmente a partir da década de 1930. De todas as livrarias, foi a maior anunciadora de suas atividades comercializadas por meio da publicidade em jornais, seja como vendedora de livros e periódicos, ou como agenciadora de revistas, além de serviços de papelaria e tipografia.

Pertencente a Cícero Brazil, a *Casa Brazil* localizava-se na Rua Cardoso Vieira, número 41, centro de Campina Grande, todavia, possuía uma filial na Rua Maciel Pinheiro, no *Líder Bar*, ponto estratégico, onde se acumulava parte da elite econômica e intelectual da cidade. Em uma das matérias publicadas na imprensa campinense, comprovamos os meios de divulgação dos materiais impressos na comercialização no estabelecimento:

A CASA BRASIL, livraria, papelaria e tipografia, teve a gentileza de remeter-nos os últimos números das revistas cariocas; Fon-Fon, O Malho, Carêta, Jornal das Moças, Tico-Tico e A Noite Ilustrada, que vem repletas de ilustrações dos fatos mais recentes ocorridos no Rio e S. Paulo e no resto do mundo.

A CASA BRASIL, vem de receber, também, um sortimento magnífico de novidades literárias, científicas e religiosas, editadas pelas casas mais importantes do sul do país.

As pessoas que lêem e devem ler, recomendamos procurar a CASA BRASIL, na rua Cardozo Vieira, e a sua filial junto ao Líder Bar, na Maciel Pinheiro. (VOZ DA BORBOREMA, 1937:5)

Entre as atividades ligadas ao impresso, foi enquanto agência de jornais e revistas, que a *Casa Brazil* se especializou na cidade de Campina Grande, na difusão de revistas de variedades “do sul do país” – algumas lembradas até hoje como *A Careta*, a *Revista da Semana*, a *Fon Fon*, o *Jornal das Moças*, *A Noite Ilustrada*, *Vida Doméstica*, *O Malho*, *Suplemento Juvenil*, entre outras.

De todas as livrarias, não há dúvida que a mais importante da história de Campina Grande foi a *Livraria Pedrosa*. Fundada no ano de 1946, pelo livreiro e poeta José Pedrosa, sua atuação marcou o imaginário de muitos letrados campinenses, sendo expressos em crônicas, reportagens e relatos de memórias, espalhados em livros ao longo da segunda metade do século XX.

Localizado na Rua Maciel Pinheiro, 262, a *Livraria Pedrosa*, já no final década de 1940, realizava as atividades de livraria, papelaria, tipografia e pautaço. Em 1949, a empresa estruturou uma oficina gráfica, “com máquina automática ultramoderna ‘Heidelberg’” (REVISTA ARÍUS, 1952: 28), o que possibilitou a sua entrada no mercado de publicação de livros na região. No mesmo ano publicou “Província, essa esquecida”, livro de Lopes de Andrade; um ano depois, em 1950, saiu “Dois poetas”, obra de Cristino Pimentel. Ao longo das décadas de 1950 e 1960 intensificou suas publicações com dezenas de livros, relatórios e plaquetes publicadas.

Conhecida pelo seu slogan: “Faça do livro o seu melhor amigo”, já nos finais da década de 1940, José Pedrosa, inovou no modo de divulgação de seu estabelecimento, produzindo um programa na *Rádio Borborema*, aos domingos, às 18 horas, apresentada pelos jornalistas Gil Gonçalves e Hilton Mota. O programa trazia informações sobre os lançamentos do mercado, além de comentários sobre autores e editoras, expondo de maneira atraente aspectos das narrativas e poemas dos livros enfocados. (FILHO, 2003: 6)

Nascido na cidade pernambucana de Timbaúba, no dia 02 de janeiro de 1914, José Cavalcanti Pedrosa veio junto com sua família para Campina Grande, em 1925. Iniciou as suas atividades no comércio de livros trabalhando na *Livraria Moderna*, de propriedade de seu tio Yoyô Cavalcanti, no ano de 1933. A livraria já referenciada nesta mesma narrativa, funcionava no antigo Beco do 31. (FILHO, 2003: 6)

Pedrosa, em pouco tempo, torna-se gerente da citada firma. Com conhecimentos adquiridos com a experiência da *Livraria Moderna*, fundou a *Livraria Pedrosa*. Com a ampliação do mercado, indo além da venda de livros, em 1953, inaugura o Edifício do Livro, considerado um importante marco e empreendimento na área das artes e da literatura em Campina Grande.

Em 1949, houve um avanço considerável da Livraria Pedrosa. Em uma longa reportagem publicada no jornal *O Rebate*, de 4 de outubro de 1949, intitulada: “Livraria Pedrosa: a serviço da educação e da cultura em Campina Grande”, temos um impressionante relato estatístico do comércio de livros no município. Logo de início o redator afirma: “A estatística prova com números maravilhosos que o progresso de Campina Grande é todo setor de sua vida econômica social e intelectual” (O REBATE, 1949: 3). E escreve com toda a empolgação: “Na atividade comercial, Campina suplanta várias capitais do nordeste, pelo dinamismo no trabalho e pelo arrojo de sua indústria, sendo este, uma consequência única de iniciativa privada, que não poupa esforços pelo engrandecimento da terra”. (IDEM)

Além de ser um sucesso na comercialização de livros, a *Livraria Pedrosa* ficou bastante conhecida por ser um reduto de intelectuais durante várias décadas em Campina Grande. Foi lá que nomes como Raymundo Asfora, Cristino Pimentel, Nilo Tavares, entre outros, criaram ou aumentaram os seus laços de amizade, envolvendo-se em debates acalorados sobre literatura, política, filosofia, etc. Em cinco décadas de atuação, que vão de 1946 a 1999, a livraria acolheu também a presença de importantes lançamentos de obras dos mais consagrados autores nacionais, como Jorge Amado, Gilberto Freyre, Juarez Távora, José Conde, Mauro Motta, dentre outros. (FILHO, 2003: 11)

Além das livrarias citadas, existiram outros espaços de comercialização de artefatos impressos, a exemplo da *Livraria Cruzeiro* e da agência *O Mundial*, que negociavam com romances, carimbos, periódicos, entre outros materiais de escritório. Possivelmente outros tantos lugares chegaram a oportunizar a venda destes produtos impressos, muitos funcionaram por poucos anos; algumas deixaram de existir puramente por questões financeiras, por não se sustentarem devido as disputas de mercado, - outras por questões ideológicas, a exemplo da *Livraria do Povo*, instalada em Campina Grande por Félix Araújo, em 1946, no saguão do edifício do Banco do Comércio, na Rua João Pessoa. Devido à atuação do jornalista e poeta no Partido Comunista Brasileira (PCB), em Campina Grande, em uma manhã do mesmo ano o estabelecimento foi encontrado invadido e destruído, estantes quebradas e livros queimados. (CAVALCANTE NETO, 2006: S/P).

Gabinete de Leitura 7 de setembro: uma leitura das elites

Em 28 de julho de 1913 quando, em palestra acerca dos melhoramentos que reclamava esta esperançosa cidade, Lino Fernandes revelou a José Gomes Coelho, então professor público desta localidade, a idéia que lhe havia sugerido a fundação de um centro literário onde os novos pudessem encontrar o necessário para o seu desenvolvimento intelectual. José Coelho, espírito altamente empreendedor, pôs logo a serviço daquela idéia os recursos de sua vasta inteligência e, cheio de entusiasmo, prontificou-se a trabalhar com o mais acrisolado amor pela efetivação daquele intuito.

Lino Fernandes aceitou o prestimoso concurso de José Coelho e nesse mesmo dia deram juntos os primeiros passos em favor da grande obra.

Era preciso não deixar a idéia cair no marasmo em que entre nós, ainda hoje, costumam ficar os mais elevados projetos. Assim, às 20 horas daquele memorável 28 de julho, já contava 30 sócios e tinha aclamada a sua primeira diretoria, o centro literário que mais tarde havia de tomar o nome de “Gabinete de Leitura 7 de Setembro”! (O GABINETE, 1916:1)

O trecho descreve como se deu o surgimento do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, no ano de 1913, na cidade de Campina Grande, quando um grupo de intelectuais, ansiosos por socializarem suas idéias e valores, criou uma instituição, que durante pouco mais de 20 anos centralizou boa parte das atividades artísticas e culturais do município, pois dentro de sua estrutura organizacional, possuiu biblioteca, jornal, revista, escola pública gratuita, etc. promovendo sempre festas cívicas e literárias, para um público específico: uma elite política e econômica.

Segundo a reforma nos estatutos, o *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* seria “uma sociedade que tem por fim promover a instrução e concorrer por todos os moços, para o desenvolvimento intelectual dos seus associados” (REFORMA DOS ESTATUTOS DO GABINETE DE LEITURA 7 DE SETEMBRO, 1918: 1.). Desenvolvimento intelectual que poderia ter se possibilitado por diversas maneiras, envolvidas num conjunto de práticas literárias direcionadas ao próprio campo literário local que se formava, visto que Campina Grande não possuía na segunda década do século XX lugares significativos para ações coletivas direcionadas ao mundo intelectual, a exemplo de bibliotecas, clubes literários, etc. O Gabinete de Leitura 7 de Setembro foi criado para sanar estas limitações, suprir tais necessidades, procurando desta forma ser um espaço que aglutinasse as precisões e anseios de modernidade dos intelectuais e dos membros da elite campinense.

Temos então, primeiramente, a biblioteca, espaço público criado na ocasião da própria fundação do Gabinete, considerada, segundo o historiador Epaminondas Câmara, a primeira biblioteca pública da cidade de Campina Grande (CÂMARA, 1998: 84). Longe de ser apenas utilizada pelos seus sócios, a população como um todo poderia usufruir da biblioteca. Todavia, uma pergunta seria: quantos populares letrados naquele início de século existiam em Campina Grande? Possivelmente pouquíssimos. A massa de letrados era constituída quase que completamente pela elite intelectual do município (médicos, jornalistas, comerciantes, contadores, etc.).

Outro mecanismo constituído dentro do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* foram as várias publicações periódicas que eram divulgadas como órgãos oficiais da instituição, principalmente entre as décadas de 1910 e 1920. A política de publicação do círculo intelectual desperta atenção pela articulação do grupo na tentativa de empreender uma cultura impressa. Nos primeiros anos após a fundação, a instituição criou o informativo anual “O Gabinete”, publicado no dia 7 de setembro (aniversário da entidade) e no qual os diretores faziam um balancete das ações de sua gestão (sobre gastos, investimentos, situação da biblioteca, além da publicação de textos de natureza cívica). Encontramos em nossas pesquisas de arquivo, apenas dois números deste informativo, lançados nos anos de 1916 e 1917. Outro periódico ligado à trajetória do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, foi a “Revista Campinense”, publicada entre os anos de 1920 e 1921. De todos os exemplares possíveis, encontramos apenas o terceiro número publicado. Neste mesmo exemplar, numa espécie de editorial, intitulado: “Revista Campinense”, o texto tenta rebater críticas sobre um possível partidarismo do periódico: “Ao que nos consta, andam, algures, murmuradores levianos, a emprestar a esta revista, feição absolutamente desconfortável no seu programa, qual a de possuir predileções partidárias”. (REVISTA CAMPINENSE, 1920:9). Por último, entre os periódicos ligados ao Gabinete, tivemos o jornal “A Palavra”, publicado no ano de 1925. Com o subtítulo: “Órgão Literário do Gabinete de Leitura 7 de Setembro”, conseguimos identificar um exemplar, o número 11, de 7 de setembro de 1925, sendo uma versão impressa do jornal falado da instituição. Com características institucionais, “A Palavra” trouxe em seu conteúdo, além de informações gerais sobre o Gabinete,

poemas, textos de natureza histórica, perfis dos membros da associação, além de muitos artigos de opinião.

Além de sua prática educativa e instrucional, o *Gabinete de Leitura* exercia uma função de sociabilidade que vai além da questão intelectual. “Eventualmente fornidos de bilhares e bares, os gabinetes de leitura e as associações literárias e culturais, não raro, também se converteram em espaços de convivialidade e de reiteração dos vínculos identitários” (SCHAPOCHNIK, 2005:236). Este espaço de convívio, compreendido por nós enquanto círculo intelectual, criado pela elite campinense em 1913, realmente reiterava os vínculos de identidade que estavam sendo formados em Campina Grande pelo processo de modernização e estariam ligados justamente às festas e encontros realizados, dando uma característica de salão literário. Bailes, festas comemorativas, cafés, concursos, eram realizados costumeiramente até mesmo para manter financeiramente a instituição.

No início da década de 1930, o Gabinete de Leitura 7 de Setembro não passava por bons momentos financeiros, causados principalmente pela diminuição dos sócios e pela disputa com outros espaços de sociabilidade, principalmente associações recreativas. Desta forma, neste momento de desajuste organizacional e crise financeira, parte das atividades, bem como materiais, pertencentes à instituição foram recolhidas à Sociedade Beneficente dos Artistas. Seu fim se deu no ano de 1935.

Bibliotecas: associações e políticas municipais

Não temos, até então, como descobrir quais e quantas bibliotecas públicas ou pertencentes a associações chegaram a funcionar na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX. Podemos conjecturar que desde o século XIX (ou talvez antes) havia algumas bibliotecas particulares, principalmente por parte dos letrados da cidade, a maioria “doutores” formados pela Faculdade de Direito do Recife, como foi o caso do historiador e jornalista Irineu Joffily e do jurista Afonso Campos, ou autodidatas, como Lino Gomes da Silva.

Segundo Câmara a primeira biblioteca pública da cidade de Campina Grande teria sido a do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, fundada no ano de 1913 e que

funcionou até o ano de 1935, como vimos. Entretanto, na mesma referência o autor de *Datas Campinenses*, ao descrever as despesas de Campina Grande fixadas pela Assembléia Provincial do ano de 1889, identificou uma verba de 300\$ para biblioteca e aula noturna. Portanto, acreditamos que já no século XIX a cidade já comportava, pelo menos, uma biblioteca escolar. (CÂMARA, 1998: 61)

Além do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, várias outras associações criaram suas próprias bibliotecas. Em certos casos, para uso exclusivo dos seus associados. Temos registros de bibliotecas em associações recreativas, clubes de futebol e de órgãos representativos de estudantes. Podemos citar como exemplo, a Biblioteca da Maçonaria, a “*Arlindo Correia*” (inaugurada em 1928), a “*Biblioteca Irineu Pinto*”, ligada ao Clube Literário de Campina Grande (fundada no final dos anos 1940), a “*Biblioteca Edson Sales*”, do Centro Estudantil Campinense (fundada na década de 1950) e a “*Biblioteca Mauro Luna*”, ligada à União Universitária Campinense (criada também na década de 1950).

Uma das mais importantes bibliotecas campinenses foi a *Biblioteca Antenor Navarro*, ligada à *Sociedade Beneficente dos Artistas*, associação criada em 1929, cuja biblioteca foi fundada no ano de 1932. Com um perfil filantrópico, relacionado à formação do trabalhador do comércio e das atividades domésticas das mulheres, a biblioteca possuiu um acervo específico para este grupo social. No ano de 1935, a biblioteca incorporou definitivamente os exemplares pertencentes ao acervo da Biblioteca do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* quando do fechamento desta última instituição.

Em matéria da ocasião da fundação da *Biblioteca Antenor Navarro*, em junho de 1932 é possível compreendermos o perfil que estava sendo idealizado para atender ao público da *Sociedade Beneficente dos Artistas*, muito próxima da estrutura de um *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, no qual os sócios poderiam tomar emprestados exemplares de seu acervo:

A Sociedade B. dos Artistas resolveu fundar um gabinete de leitura, criando a sua biblioteca pública, para instrução popular dos que gostam de leituras. Faz um apelo a todos quantos quiserem cooperar na realização deste certame educativo. A sociedade campinense, estamos certos, saberá corresponder, enviando á sede social livros, jornais, revistas, mapas, ofertas que sirvam para a mesma finalidade. (COMÉRCIO DE CAMPINA, 1932: 3)

A *Biblioteca Municipal de Campina Grande* só seria fundada em março de 1938, durante o governo do Prefeito Bento Figueiredo. Nas páginas do jornal *Voz da Borborema*, pertencente ao irmão de Bento, o advogado Acácio Figueiredo, foi possível, durante os meses de março e dezembro deste mesmo ano, sermos informados sobre as condições que possibilitaram a criação da Biblioteca, em meio a um conjunto de políticas ligadas à ideologia do Estado Novo, quando a família Figueiredo dominava o quadro político da Paraíba, tendo como líder o interventor federal Argemiro de Figueiredo, irmão dos dois nomes citados acima.

No jornal *Voz da Borborema*, de 9 de Março de 1938, temos uma matéria descritiva sobre a inauguração da *Biblioteca Municipal de Campina Grande*, onde é perceptível a *performance* do jogo político da família no ato, traduzindo o discurso populista e de intenções no qual sobressaiu certo “personalismo” presente na época:

Por decreto divulgado em nossa edição de hoje, o prefeito Bento Figueiredo, houve por bem brindar a sua terra com a fundação de uma biblioteca pública (...).

A nova instituição, que vem merecendo os aplausos de toda a nossa gente culta, será solenemente inaugurada hoje mesmo, às 16 horas, em homenagem a data natalícia do ilustre campinense que tão sabiamente vem governando a Paraíba.

É uma homenagem, realmente, expressiva e condigna prestada, neste dia tão significativa para Campina Grande, ao Sr. Interventor Federal, visto como a maior satisfação de s.excia. tem sido sempre ver realizadas obras que tenham por escopo o bem dos seus conterrâneos.

Incalculável é o proveito que resulta, num meio como o nosso, de uma instituição dessa natureza. Não só proporciona horas de sadio deleite, como oferece, aos espíritos ávidos de conhecimentos, todo o elemento necessário a sua elevação cultural

Animado dessa convicção e inflamado de entusiasmo em face dela, é que o prefeito Bento de Figueiredo, num gesto que muito o recomenda ao apreço daqueles que não são alheios as coisas da inteligência, fundou a Biblioteca Municipal e com um carinho todo especial para com a mesma, envida esforços no sentido de incentivar o seu desenvolvimento. (...)

Deixamos vasada, aqui, a expressão sincera do nosso entusiasmo, em face do gesto tão bem compreendido do Sr. Bento Figueiredo. (VOZ DA BORBOREMA, 1938: 1.

Depois deste destaque no ano de 1938, possibilitado pelo jogo político presente no período, quase não encontramos nenhuma referência à Biblioteca Municipal, em periódicos da cidade, ao longo da década de 1940. Por outro lado, entre 1950 e 1953, detectamos campanhas realizadas por jovens através de dezenas de artigos publicados

em jornais, como *O Momento*, *O Globo*, *Jornal de Estudante*, com intensas reclamações sobre o abandono do estabelecimento, no descaso com as obras e com a ausência de público.

No jornal *O Momento* encontramos uma matéria queixando-se da ausência de frequentadores na Biblioteca Municipal de Campina Grande:

Ainda a semana que passou, estivemos em visita a nossa casa de leitura. Ambiente frio, depois estudantes apenas folheando uma velha revista. E nada mais. Aproximamo-nos dá senhorinha que tem a si a tarefa de dirigir os destinos da biblioteca pública da cidade. Solicitamos o livro de frequência e os nossos olhos puderam constatar diária na biblioteca, que não ultrapassa a 22 pessoas. (O MOMENTO, 1950:7)

O autor do texto, possivelmente um estudante, prega então a necessidade de novos livros: “Na nossa visita muitas coisas verificamos estar necessitando a biblioteca. Os livros são os mesmos de há 5 anos, o que é lamentável para uma biblioteca de uma cidade como Campina Grande” (IDEM). E critica a gestão do prefeito da época Elpídio de Almeida, que “bem que poderia dar outro aspecto à biblioteca, ampliando-a consideravelmente, a fim de que a frequência seja melhorada” (IBIDEM).

Entre julho e agosto de 1952, identificamos a intensificação da campanha com o objetivo de melhorar as condições da Biblioteca Municipal, que veio do “seio dos estudantes”, na época um grupo social bastante participativo nos debates políticos e culturais da cidade, principalmente através do Centro Estudantil Campinense, espécie de Grêmio Estudantil, fundado em 1935. Exemplo temos do jornalista e estudante Josué Silvestre, em matéria intitulada *É o seguinte*, publicada em três números do jornal *O Globo*:

A nossa Biblioteca Municipal, vive quase que completamente abandonada pelos poderes públicos, vindo a tornar-se desorganizada e quase desértica de leitores. Há muito tempo, diversos estudantes lutam para que os prefeitos se interessem pela biblioteca; são inúteis porém, todas as tentativas. O que vemos ali, são livros velhos, uns sem capa, alguns faltando capítulos, outros que mais parecem casas de insetos, que livros. Deficiente também, é a presença de livros didáticos, que são apenas uns 50 entre centenas de exemplares de outras matérias. Os livros mais novos que encontramos, datam de 1945. É uma calamidade. Era muito mais certo se a biblioteca fosse classificada como “museu”. (SYLVESTRE, 1952: 4).

O discurso assemelha-se ao antes citado aqui, adicionado à ênfase da constatação das péssimas condições e da qualidade do acervo da Biblioteca, considerado terrivelmente ultrapassado. Segundo Josué Silvestre “O jornal recebido, é apenas o

órgão oficial do estado, e apesar disso, passam-se dias e semanas sem que apareça um só exemplar” (IDEM). No final do primeiro artigo, vem mais uma crítica ao prefeito da época, Elpídio de Almeida: “Com estes comentários, esperamos que o Sr. Prefeito Municipal reconheça a necessidade dos estudantes e atenda os seus rogos, transformando a biblioteca numa BIBLIOTECA”. (IBIDEM)

No segundo artigo, publicado uma semana depois, Josué Silvestre enfatiza com críticas duras “a mentalidade campinense”, indo em direção à ausência de um público leitor, segundo ele muito mais preocupados em questões de ordem material, do que espirituais e/ou intelectuais.

Já no terceiro artigo, Josué Silvestre volta o seu olhar com uma revolta evidente contra o prefeito Elpídio de Almeida, gestor público que aparentemente intencionava fechar a Biblioteca Municipal por problemas financeiros graves na Prefeitura:

Como prometemos no número anterior que voltaríamos a falar sobre a Biblioteca, estamos novamente abordando este tão importante assunto.

No governo do Dr. Elpídio de Almeida, todos devem saber que a renda do município era muito inferior a atual. A prefeitura vivia atarefada com os problemas da maternidade, da luz e outros menores, entretanto, a mesma prefeitura mantinha na biblioteca, três funcionários que se sucediam em cada expediente, isto é, o 1º., o 2º e o noturno.

Agora, porém, os impostos aumentaram, as obrigações da prefeitura são as mesmas (os diminuíram), e diz o Sr. Prefeito que não tem dinheiro para melhorar a biblioteca. E ainda mais, não pode manter ali nem ao menos uma funcionaria.

Na semana passada, aconselhado por um dos “inteligentes” vereadores da nossa cidade, queria fechar a biblioteca; o que não fez, graças a interferência do acadêmico Raimundo Asfora.

Francamente senhores! Não compreendemos como pode ser isso; os outros constroem, este quer destruir.

O Sr. Prefeito, tem dinheiro para fazer reportagens fotográficas de todos os lances da sua “grandiosa administração”, não tem dinheiro para comprar livros e colocar na biblioteca.

A verba que foi empregada naqueles retratos, já daria para comprar mais de uma dezena de livros, para a mocidade estudiosa estivesse evoluindo na cultura e no saber.

Se o Sr. Prefeito quer amor o povo, eis um pedido de uma parte do mesmo. Suspenda as reportagens, e empregue o dinheiro correspondente na aquisição de livros. Este é o nosso desejo. (SILVESTRE: 1952: 3).

Aguçando ainda mais a crítica à gestão de Elpídio de Almeida, temos o artigo de José Leite Sobrinho no mesmo jornal. Diante da campanha para a melhoria da Biblioteca, o jornalista assegura que “Uma cidade como Campina Grande, já era para ter, em prédio próprio, com todo conforto, uma boa biblioteca e o arquivo municipal,

porque só assim os que desejarem dados administrativos teriam uma fonte certa para procurá-los” (SOBRINHO, 1952:4). E arremata: “Enquanto se gasta dinheiro com pequenas coisas de pouca utilidade, fica esquecido o devido resguardamento do patrimônio histórico e evolutivo de nossa cidade” (IDEM).

REFÊRENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Caravela, 1998.
- CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. *O PCB paraibano no imaginário social: o caso Félix Araújo na fase da “redemocratização” (1945-1953)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Sociedade. Campina Grande: UEPB, 2006.
- FILHO, Francisco Maria. *Faço do seu livro o seu melhor amigo. Homenagem a José Pedrosa, o livreiro de Campina*. Campina Grande; Prefeitura Municipal, 2003.
- MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- MATOS, Felipe. *Sob os auspícios da livraria Rosa: redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008.
- PIMENTEL, Cristino. *Pedaços da História de Campina Grande*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1958.
- Reforma dos Estatutos do Gabinete de Leitura 7 de Setembro*. Campina Grande: Tipografia Campinense, 1918.
- SCHAPOCHNIK, Néelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Néelson (Orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercados das Letras; São Paulo: Fapesp, 2005.

FONTES:

- AMARAL, José (Org). *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. Organização de José Barros do Amaral. Parahyba: Imprensa Industrial, 1925.
- AZEVEDO, Antídio de. Euclides Vilar. *Revista Ariús*, Ano III, 30 de Janeiro de 1955.
- Evolução*, Ano I, nº1, de 17 de Junho de 1934. A venda na Livraria Moderna. *Evolução*, Ano I, nº1, de 17 de Junho de 1934.
- Biblioteca Pública Antenor Navarro. *Comércio de Campina*, Ano I, nº 13, 13 de Junho de 1932.
- Bibliotheca Municipal. *Voz da Borborema*, Ano II, Nº15, de 9 de Março de 1938.
- Destino de nossas Bibliotecas. *O Momento*. Ano I, nº 2, de 24 de setembro de 1950.
- Faço do livro o seu melhor amigo: Livraria Pedrosa. *Revista Ariús*, Ano I, nº1, 10 de outubro de 1952.
- Jornal de Campina*, Ano I, nº25, Abril de 1953.
- LIMA, Egídio de Oliveira. Campina e um mestre de três gerações. *Revista Manaíra*, Ano X, nº63, maio e junho de 1949.
- Notas para a história do Gabinete. *O Gabinete*, 7 de Setembro de 1916.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

O Rebate, Ano XIX, nº766, 4 de outubro de 1949. A Livraria Pedrosa: a serviço da educação e da cultura em Campina Grande. *O Rebate*, Ano XIX, nº766, 4 de outubro de 1949.

Praça de Campina, Ano I, nº1, de 30 de Setembro de 1934.

Revista Campinense. *Revista Campinense*, Ano I, nº3, de 1 de Novembro de 1920.

Casa Brazil. *Voz da Borborema*, Ano I, Nº 6, 04 de Agosto de 1937.

Tertuliano Barros. José de Barros Ramos. *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. Organização de José Barros do Amaral. Parahyba: Imprensa Industrial, 1925, s/p.

SYLVESTRE, Josué. É o seguinte. *O Globo*, Ano I, nº 1, 7 de Julho de 1952.

SOBRINHO, José Leite. Biblioteca, livros e traças. *O Globo*. Ano I, Nº 4, 04 de Agosto de 1952.